

Inaugurada um ano após bairro, associação de moradores se une para manter local preservado de vandalismo

Ponto de vista de quem acolheu a Orla Morena

Thailla Torres

Com 2,5 quilômetros de extensão, os trilhos e o matagal deram lugar a um espaço mais amplo, limpo e arejado na região central de Campo Grande. A Orla Morena, inaugurada em 2010, que vai da Av. Júlio de Castilhos até a Rua Plutão, no Jardim Cabreúva, tornou-se uma alternativa de lazer e cultura para que os moradores campo-grandenses pudessem sair da rotina. Com o aglomerado de pessoas na Orla Morena, em pouco tempo foi fácil perceber comportamentos negativos que trouxe transtornos aos moradores da região e motivou um projeto de cidadania que luta diariamente para manter o espaço agradável à comunidade que passa por ali.

No ano de 2011, surgiu a Associação Amigos da Orla Morena, que atua voluntariamente e conta com 16 membros entre moradores e representantes dos sete bairros no entorno da Orla. Olhares atentos e o sentimento de esperança é o que motiva moradores a cuidar e incentivar ações que possam enriquecer o com-



Alternativa - Local se torna ponto de encontro para atividade de lazer destinadas a toda a população de Campo Grande

tamento e a educação de quem visita o local. Ricardo Sanches, de 31 anos, é morador da região há 15 anos e idealizou o projeto junto a outros moradores. Atualmente como presidente da Associação, ele toma um posiciona-

mento com intuito de colaborar para a conservação de um local público que atende a todos. Ricardo explica que a intenção do projeto não é substituir as responsabilidades do poder público, e sim ajudar a manter o que foi feito para a comunidade. “São ações de cidadania que funcionam, a gente se doa, somos solidários a causa porque isso aqui nos atinge diretamente” comenta.

Ao caminhar pela Orla podemos observar o que é realizado e causa efeitos positivos nos visitantes. Plaquinhas agradecendo por jogar lixo no lixo, cuidar das árvores e catar o cocô do cachorro são um dos exemplos que motiva as pessoas cuidar do local. Ricardo e outros moradores ajudam a retirar o lixo, molhar as plantas e cuidar das placas que por diversas vezes são retiradas por vândalos. “As ações negativas nos motiva. As pessoas olham com outros olhos e percebem que o espaço não está sozinho”, ressalta Ricardo, que demonstra orgulho em colaborar diariamente.

As árvores recebem os cuidados de dona Maria de Freitas, de 65 anos, moradora do bairro Cabreúva há quarenta anos. Quem colhe os frutos do pé de manga, goiaba e amora está colhendo o que dona Maria plantou há mais de 20 anos. Durante a entrevista, é pos-

sível perceber o brilho nos olhos quando ela fala de suas plantas, “Sempre cuidei. Eu podo, eu molho e adubo. Fico muito triste quando os pais trazem as crianças e as deixam quebrar as plantinhas, porque ninguém imagina o trabalho que dá pra fazer o pouco que estamos fazendo” diz. Maria conta que acompanhou todas as mudanças feitas na região e que a Orla veio para trazer alegria e vida a este espaço, que antes só tinha os trilhos e o matagal. Mais do que colaboração, ela ressalta que faz tudo por amor porque gosta das plantas e de ver a comunidade colhendo os frutos.

Mesmo com as ações de cidadania, a Orla Morena sofre com ação de vândalos e pessoas que não tem consciência da importância de preservar o local. “Parece que virou algo cultural, as pessoas acham que tem a obrigação de sujar e é dever da Prefeitura limpar, mas, não é bem assim” diz Ricardo. Sorrindo e satisfeito em saber que a Associação dos Amigos da Orla Morena atinge diretamente quem passa por ali, ele enfatiza. “É uma luta e a gente não pode desistir, queira ou não queira, a gente está plantando uma semente e pode ser que agora não vejamos o resultado disso, mas aos poucos as pessoas vão modificando seu comportamento e a gente vai longe”.



União - Maria e Ricardo são exemplos de valorização e cuidado dos bens públicos



www.jornalemfoco.com.br

Em Foco

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo

Ano XI - Edição Nº 163
Campo Grande, MS -
Fevereiro de 2014

Capa: Agência + Comunicação





Acadêmicos do 6º semestre de jornalismo foram às ruas resgatar os valores da profissão de forma a proporcionar informação e reflexão sobre acontecimentos do cotidiano, integrando a disciplina de Comunicação, Cultura e Cidadania à prática oferecida pelo jornal-laboratório Em Foco.

As reportagens que você vai ler a seguir foram propostas pelos próprios acadêmicos que buscaram pessoas e situações que merecem ter suas histórias contadas, mostrando a relação de cada uma delas com o conteúdo trabalhado na disciplina, explorando o potencial humano com exemplos de solidariedade, ações de cidadania, respeito, luta pelos direitos e a reflexão a cerca deste que é o objeto de estudo de um profissional da comunicação.

Em meio às catástrofes que ocupam as manchetes dos jornais, estas pessoas se destacam por atitudes que se fazem necessárias nos dias de hoje. Moradores da Orla Morena cuidam do local como o carinho que os vândalos podem espelhar, assim como a luta dos portadores de deficiência pela Acessibilidade na Cultura em Campo Grande, união de desconhecidos que tornaram amigos pela solidariedade, a ascensão de um local que guarda histórias da nossa cultura, alerta para os riscos provenientes do abuso do álcool no meio acadêmico e a rotina de quem busca o sustento diariamente nos terminais de ônibus.

Os acadêmicos compartilham para que as histórias sejam em alguns casos espelhos para mudança de uma sociedade ainda sim preocupada consigo mesmo. Voltar os olhos para o outro, através deste curso, sinaliza o primeiro passo para valorizar o ser humano como parte fundamental da maturidade.



Em Foco – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XI - nº 163 – Fevereiro de 2014 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara
Reitor: Pa. José Marinho
Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

A dignidade do trabalhador garantido por meio da informalidade e independência

TRABALHO Informal e o direito a autonomia

Ana Carolina Cáceres

Sempre rodeado de pessoas e em meio ao vai e vem de gente no terminal Júlio de Castilho, Wilson da Silva, 44, ganha a vida vendendo cartelas de títulos de capitalização, Frutibinho, salgados, refrigerantes e sucos.

Morador da Vila Palmira, o vendedor ambulante trabalha há quatro anos no lugar, sua clientela mais efetiva em geral são os jovens que, no horário em que estão saindo das escolas ou voltando, o rodeiam para comprar o famoso Frutibinho, uma espécie de geladinho de leite, que segundo Wilson é o carro-chefe de suas vendas, normalmente maiores no início do mês, precisamente do dia primeiro ao dia dez.

Seu ganho equivale a 30% do investimento que gira em torno de um a dois mil reais. Mesmo parecendo pouco, ele consegue manter a família com o trabalho. Porém, sem gastos adicionais ou em suas palavras “economizando, sempre”.

Nem tudo foram flores nesses quatro anos em que ele é vendedor. Devido a uma lei municipal que proíbe a venda de quaisquer produtos dentro dos terminais em período de eleição, ele teve suas mercadorias apreendidas por oito vezes. Neste caso, o que antes ele deveria ganhar apenas metade do que foi apreendido, agora, devido em partes ao crédito que possui, ele ganha tudo que estiver nas caixas que carrega.

Seus produtos custam de cinquenta centavos a dois reais. Um preço que foi atribuído pelos demais vendedores do local, sendo um valor mais do que acessível para um público, que em sua maioria é de origem humilde e que na pressa do dia a dia e do trabalho, vê no tempo entre a espera de um ônibus e outro uma oportunidade para fazer algum tipo de lanche com os salgados entre outros aperitivos que Wilson, com simpatia e bom humor, vende no terminal Júlio de Castilho.



Determinação -A venda de salgados no terminal é a origem do sustento de Wilson

ERRATA

Na reportagem intitulada “Alunos Indígenas recebem Incentivo”, publicada na página 6 da Edição N 61 do jornal-laboratório Em Foco, o estudante Milton Bokodoregaru solicitou retificação de informações nos seguintes trechos:

“Já havia passado em outras universidades para cursos distintos... sendo um deles na UNB, Universidade de Brasília”. O acadêmico explica que fez apenas a inscrição para o vestibular da instituição, não realizando o processo seletivo.

A aldeia que Milton pertence não é denominada Bororó, como foi publicado no texto, e sim Meruri, no Mato Grosso, sendo a sua etnia, Bororo, sem o acento agudo na grafia da palavra.

A reportagem afirma: “ Porém, por

ser de sua cultura o casamento arranjado, escapou de um se abrigando na casa do tio por um tempo...”. Conforme Milton, esse trecho do texto está incorreto, pois na ocasião era da casa do tio que ele precisou se ausentar para evitar o casamento que lhe preparavam.

Sobre os trechos que tratam da forma de ensino do povo Bororo, merecem alterações os seguintes trechos:

“Nos primeiros anos de escola, diferente da gente”, seria mais adequado utilizar “diferente do método tradicional de ensino não indígena”.

No trecho publicado “Ou seja, se a criança tem facilidade com os números, será unicamente trabalhado, assim como a criança que teria facilidade para a filosofia, química entre outras áreas de estudo”, a palavra unicamente deve ser trocada por preferencialmente.

Fonseca, Jakeline Costa, Thailla Torres.

Projeto Gráfico: Designer- Maria Helena Benites

Tratamento de imagens: Thiago Frison

Diagramação: Jacir Alfonso Zanatta

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B, Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br
E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Uso de de bebidas alcoólicas prejudica o rendimento escolar

Desempenho acadêmico

Jakeline Costa

O uso de álcool acompanha a história da humanidade e está presente em todas as comemorações. Porém muitos pensam que o seu uso só é fator preocupante quando tem a dependência instalada, o que não é verdade. Estudos apontam que o uso excessivo pode afetar o desempenho acadêmico.

Pesquisa realizada pela professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Aline Silva de Aguiar Nemer, apontou que os acadêmicos que bebem excessivamente apresentam maior probabilidade de terem dificuldades no decorrer do curso. Para a professora, os estudantes bebem exageradamente nas festas e isso pode ser um agente de interferência no desempenho acadêmico, além de trazer consequências orgânicas, sociais e comportamentais.

Para o psicólogo Eder Ahmad Charaf Eddine, o uso de álcool é considerado algo normal na sociedade, todos os jovens bebem independentemente da idade. Na universidade isso é mais acentuado, uma vez que os jovens formam grupos e já são maiores de idade, o que facilita o acesso, apesar da idade

não ser algo impeditivo, mas o que se percebe é que o grupo é muito importante para os jovens, a questão do pertencimento é fundamental para a sua identidade, e também este é o período em que os jovens estão se preparando para o mercado de trabalho, ou seja, depois eles terão responsabilidades como trabalho e família. “Esse seria o momento de aproveitar ao máximo a vida, isto inclui baladas e consequentemente uso excessivo de álcool, o que pode expor os jovens a situações de risco”, conclui Eder.

O uso abusivo de álcool entre os jovens está associado a uma série de prejuízos no seu desenvolvimento e com consequências nocivas. Esses prejuízos podem ser uma maior exposição ao risco de desenvolver dependência (alcooolismo), prejuízos neuropsicológicos como falta de memória, por exemplo, afetando a aprendizagem e, alterações no sistema dopaminérgico (um dos principais sistemas neurais envolvido no processamento de informação), ocasionando efeitos significativos em termos emocionais e comportamentais.

Eder acredita que o uso demasiado de álcool nos finais de semana pode re-



Universidade -Festas e bebida em excesso acabam atrapalhando o rendimento dos universitários durante o período letivo



Álcool -O uso abusivo da bebida por jovens traz prejuízos para a educação

sultar em dificuldades de cumprir os compromissos assumidos, que no caso dos universitários é acordar no horário ou ter um bom aproveitamento nas aulas, visto que é difícil prestar atenção quando se está de ressaca. Os estudantes tendem faltar mais, principalmente no começo da semana, que seria o período de recuperação dos excessos. Tais

comportamentos, para o psicólogo, podem comprometer a vida acadêmica.

Para a universitária Aline de Araújo, de 22 anos, que cursa Enfermagem na UCDB, os colegas que bebem muito nas festas não conseguem fazer os trabalhos e estudar para as provas, e consequentemente não conseguem ter um bom rendimento na faculdade. A jovem conta que não frequenta bares nem festas por motivos religiosos. Muitos de seus amigos quando estão de ressaca dormem a aula inteira. “É legal que o álcool dá a sensação de relaxamento e deixa a pessoa mais animada na balada, mas não pode exagerar a ponto de não dar conta de fazer as atividades da faculdade, tudo em excesso, atrapalha, é complicado as pessoas se controlarem porque saem para se divertir, estão com amigos e a companhia é boa, aí vão bebendo”, comenta.

O uso de álcool como percebemos é algo valorizado na nossa cultura e faz parte dos rituais sociais, happy hour com os amigos, churrasco com a família, porém é necessário dosar tal comportamento. Os jovens precisam perceber que estão numa fase da vida que necessitam se desenvolver intelectualmente para que possam ser bons profissionais, isto inclui não ceder ao uso excessivo de álcool.

Museus criam novas alternativas para atrair visitantes e resgatar a memória e identidade de Mato Grosso do Sul

MAIS cultura

pra quem te quero

Larissa Fonseca

Entre objetos históricos, grandes acervos e obras artísticas de todos os segmentos, alguns museus de Campo Grande, apesar de contar com esse rico material disponível a todos e de comum acesso, vem atualmente diversificando seu modo de atrair visitantes. Com diferentes projetos e programas educativos, os museus estão sendo visitados principalmente por um grande número de alunos de escolas e acadêmicos de diferentes cursos da Capital.

Localizado no Memorial da Cultura e Cidadania Apolônio de Carvalho, o Museu de Arqueologia (MuArq), inaugurado há 8 anos, conta com mais de 70 mil peças em acervo e realiza pesquisas científicas que ajudam a resgatar a memória e a identidade multicultural da região. De acordo com a técnica de laboratório em Arqueologia, Laura Roseli Pael, os visitantes mais frequentes são pesquisadores, universitários e alunos, por conta de diferentes projetos que vão além de simples visitas. “Hoje, o museu diversificou muito e com parcerias, atraímos as pessoas não só para ver o acervo, mas para participar de palestras, encontros e atividades com alunos e professores”, conta Roseli.

Também localizado no mesmo



Foto: Larissa Fonseca

Propaganda -A divulgação que deveria ser a alma do negócio não recebe a atenção necessária para que o museu seja visto

prédio do MuArq, o Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul (MIS), apesar de suas exposições e seu notável acervo de objetos, conta com diferentes atividades para atrair as pessoas, com exibição de filmes locais, nacionais e internacionais, cursos de fotografia e a divulgação de eventos, como o Festival Universitário Audiovisual (FUA). Com um número de aproximadamente 250 visitas por mês, o educador Alexandre Sogabi diz que hoje, os museus acabam competindo com os ci-

nemas, smartphones e outros. “Apesar de ser um grande esforço atrair a população, os museus acabam indo até as pessoas, levando suas obras a lugares que elas visitam mais, como os shoppings. Nosso foco é a cultura sul-mato-grossense e atrair principalmente quem realmente se interessa por ela”, afirma o educador.

Em outro ponto da cidade, no Parque das Nações Indígenas, o Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (Marco) traz obras de artis-

tas de Mato Grosso do Sul e do Brasil e, como relata a arte educadora Fernanda Felice de Melo, o público prestigia fortemente exposições de artistas regionais, mas o museu também conta com um projeto educativo, recebendo um maior número de visitantes das escolas. “Apesar de recebermos bons visitantes, penso que ainda falta um incentivo das pessoas de vir conhecer. Porque quando elas viajam, a primeira coisa que vão conhecer em uma cidade como São Paulo, por exemplo, são os museus, mesmo sem nunca ter visitado um aqui”, descreve Fernanda.

Olhando por outro lado da história, a jovem Marina Torrecilha, formada em Artes Visuais, complementa que apesar de ter visitado mais museus enquanto era acadêmica, não deixa de acompanhar alguns eventos culturais, mas acredita que ainda há algumas falhas. “Atualmente, existem mais opções de exposições artísticas, porém, muitas vezes, a divulgação é falha e ela é a alma da atração, pois chama atenção e faz que assim tenha maior público. Porém, a raiz cultural é extremamente importante para um povo que nasceu e valoriza a história de sua região, incluindo arte, poesia, música, fazendo que assim, o museu seja mais frequentado”, ressalta a jovem.



Foto: Larissa Fonseca

Diversidade -Apesar de suas exposições e notável acervo de objetos, diferentes atividades também se tornam atração

Solidariedade

Grupo utiliza a internet como forma de mobilização

Amizade solidária: doação inteligente

Ana Paula Oshiro

Internet, uma rede que muitos usam apenas como entretenimento, é a base para que grupos de amigos façam o bem ao próximo. Eles utilizam da rapidez e facilidade que esse meio possui, para difundir a ideia de fazer outras pessoas felizes, seja criança, adulto, jovem ou até famílias inteiras, todos recebem atenção especial por parte do grupo Amizade Solidária.

Tudo começou com Fernanda Barros, líder do grupo, que sempre tentou arrecadar roupas e alimentos nas épocas especiais do ano. Ela pedia ajuda aos colegas do trabalho, mas poucos aderiram e então seu salário era praticamente destinado a aumentar as doações e deixar algumas poucas pessoas carentes felizes. Com o tempo e a não adesão dos conhecidos, Fernanda foi desistindo e deixando a ideia de lado, até que ela se deparou com uma situação que deixava claro como a realidade que vivia era extremamente diferente de outras pessoas. “Em uma noite de inverno de 2011 fazia um grande frio, cerca de 8°C, e dois irmãos bateram em minha porta pedindo o que quer que fosse para amenizar o frio que aumentaria durante a madrugada. Após ajudá-los com alguns casacos e cobertas voltei para meu quarto, onde uma xícara de chocolate quente e várias cobertas esperavam por mim. Senti uma dor lancinante ao constatar a disparidade que existia entre a realidade deles e a minha”, conta Fernanda.

Com essa lembrança na mente a estu-

dante tomou uma decisão e no dia 3 de dezembro de 2011, às 3h da manhã, ela mandou uma mensagem instantânea, por meio da rede social Facebook, para 11 amigos. No dia seguinte dois responderam e toparam o desafio, assim nasceu o Amizade Solidária que com 24h de vida já ganhou logomarca e fan page na internet graças ao publicitário Giordanni Calin. Em uma semana eles conseguiram arrecadar algumas doações e realizaram a primeira campanha, depois disso outros amigos aderiram à ideia. “Nem todos possuem disponibilidade de doar tempo para as distribuições, mas todos ajudam de alguma forma”, explica a criadora do grupo.

As maiores e mais importantes ações do Amizade Solidária é a Páscoa e o Natal, mas o grupo faz outras campanhas durante o ano. Se surgir uma família necessitada, precisando de algo urgente, eles logo criam a campanha na internet e por uma ou duas semanas arrecadam o máximo de coisas possíveis e levam até as pessoas necessitadas. Doações de sangue, cadastro para doação de medula óssea, animais perdidos, pessoas desaparecidas, arrecadação de roupas e alimentos, e até móveis, fazem parte das ações que os amigos realizam.

“Se você não tem o que doar e também não possui tempo disponível para ir às campanhas, nos ajude pela internet mesmo. Compartilhe nossas fotos pedindo ajuda, espalhe nossa ideia e assim você já ajudará muito”, pede Fernanda, que deseja ver o grupo crescer cada dia mais, junto com seus amigos, família, conhecidos e pes-

União Feminina

Mulheres se unem para dar apoio a gestantes

Ana Paula Oshiro

Bebê feliz precisa de uma mãe feliz, e para isso é preciso ter condições de criar o filho. Juliana Feliz, jornalista, sabe disso e sabe também que montar um enxoval pode sair caro. Com três filhas pequenas e roupinhas das meninas para doar, Juliana começou a fazer pequenas

doações para mães carentes e há 6 meses ela criou o projeto Bebê Feliz. No começo as doações vinham de parentes e amigos, hoje pessoas desconhecidas e amigos que moram em outros estados também participam com doações e incentivos.

O projeto atende mães carentes e principalmente aquelas que não possu-



Foto: Ana Oshiro

Entrega -Para Fernanda “ajudar é o mais importante e não dói em ninguém”

soas que ela nunca havia visto, mas que hoje são parceiros.

Associações de bairros carentes são os grandes contatos para descobrir quem está precisando de ajuda, mas se você sabe de alguém que necessita, ou quer apenas ajudar com doações, ideias, elogios, entre em

contato com o Amizade Solidária. É só ligar para o (67) 9912 – 5253, ou mandar um email para amizadesolidariams@gmail.com, e lógico, tem também a fan page no Facebook onde tudo começou. Fazer o bem faz bem e não dói em ninguém.

em o pai da criança presente durante a gestação. Elas recebem kits que são embalados com muito carinho, e todos possuem uma banheira para o bebê, fraldas, roupinhas, absorventes, roupa de cama, produtos de higiene e muito amor, que pode ser demonstrado com o bichinho de pelúcia que também vai dentro do kit, assim a criança que vai nascer já terá uma assistência básica e um brinquedo para se divertir.

Muito bebês ainda não nasceram, já que o projeto tem apenas 6 meses, mas cerca de 50 gestantes já receberam ajuda, algumas receberam até berço e/ou carrinho para o neném. Compartilhar a felicidade, que vem de nome, deixa Juliana Feliz ainda mais feliz e ela percebe a gratidão

das mães quando recebe o convite para o conhecer o bebê que recém nasceu e já recebeu muito amor por meio das doações.

E se você tem, ou conhece alguém que tenha, produtos de bebês para doar, entre em contato com o projeto e faça um bebê nascer sorrindo. Para falar com a Juliana é só ligar no (67) 9320 – 7878, acessar a página no Facebook, ou enviar um email para soubefeliz@gmail.com.

Usar a internet para se divertir e ler notícias é muito fácil, mas ajudar quem precisa, é mais fácil ainda, principalmente com tantos grupos como os de Juliana Feliz e o de Fernanda Barros.



Pessoas com deficiência falam da dificuldade em conseguir acesso a eventos culturais em Campo Grande

Acessibilidade: *passaporte* para a cultura

Ana Paula Duarte

Na teoria, muito se discute sobre as ações que envolvem acessibilidade, mas na prática a realidade se torna um problema latente na vida de quem precisa seguir como todas as outras. Além das dificuldades enfrentadas no dia a dia com a estrutura física inadequada, as pessoas com deficiência são privadas na área da cultura no que diz respeito ao acesso, seja na parte física ou na comunicacional, já presente no Plano Nacional da Cultura.

Segundo dados realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, temos hoje 45 milhões de brasileiros com deficiência, o que representa 23,92% da população total que tem alguma deficiência visual, auditiva ou motora.

Telma Nantes de Matos, de 46 anos, perdeu a visão na juventude, lutou três anos na Justiça porque passou em um concurso e foi indeferida, resultando na perda do salário. Superada, ela está na educação infantil e também é presidente do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” (Ismac), centro especializado para pessoas com deficiência visual, cegas ou com baixa visão, que atende desde bebês até pessoas idosas.

Telma tem uma luta árdua a favor das crianças com deficiência visual, que é a primeira de muitas: o acesso ao livro. “As pessoas cegas não tem acesso ao livro, se chegam 5.700 livros publicados no Brasil, deste número apenas três livros infantis foram passados para o sistema braille. Nas escolas já começam a passar os livros infantis para o braille, se nós quisermos proporcionar para essas crianças o acesso a cultura nós temos que adaptar”, explica.

Pouco mais de um mês após a entrevista com ela, o Ministério da Cultura lançou editais de incentivo à acessibilidade em bibliotecas públicas e à produção e distribuição de livros voltados a pessoas com deficiência visual. Os recursos totalizam R\$ 4,2 milhões. Os edi-

tais preveem a seleção de entidades que apresentarem propostas nessas áreas.

No teatro, cinema e eventos que, na maioria das vezes não são acessíveis, deveriam disponibilizar intérprete de libras (ou legenda em todos os filmes) e audiodescrição, um direito garantido em lei. “Nós buscamos audiodescrição, que é quando você está assistindo um filme, tem aquela pausa e uma pessoa faz uma descrição do ambiente e do artista. Na televisão já era pra estar acontecendo, tem uma lei em âmbito nacional que garante esse direito tanto na TV como no teatro e cinema”, ressalta Telma.

Ela completa: “vou no cinema e pergunto: tem audiodescrição nesse filme?, e a pessoa nem sabe o que é audiodescrição”. Telma descreve com emoção e delicadeza, impossíveis de traduzir para o papel, o que a audiodescrição provoca nela, revela ainda que a imaginação sempre é mais bela. “A audiodescrição embeleza igual quando você está lendo um livro, você imagina que está vendo as imagens na cabeça e quando você lê o livro é muito melhor, mais bonito. Talvez a nossa visão mental fique muito mais bonita que a física, o colorido”, conta ela.

No museu não é diferente, para ser acessível esses locais devem disponibili-

zar algumas réplicas em miniatura para os cegos poderem tocar, além do intérprete de libras para os surdos. “A cultura é igual um museu, não é igual um supermercado onde todo mundo vai, vai quem tem uma cultura”, disse Telma.

Ela lembrou de um caso já comentado por cadeirantes em Campo Grande, o elevador do Teatro Aracy Balabanian. “Tivemos uma apresentação no Centro Cultural José Octávio Guizzo e não tem acessibilidade pra cadeirante, na hora de contratar o teatro falaram que tem elevador, mas está parado”, sussurrou ela, à procura de solução.

De acordo com o presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), Américo Calheiros, o elevador do teatro não está muito tempo parado porque o Centro Cultural passou por uma reforma recentemente, mas revela que a Capital ainda carece em ter uma manutenção especializada com as peças pronta entrega. “São equipamentos de difícil manutenção, o grande problema é esse, não é que não tem”, afirma.

“Entramos com três processos em andamento: processo para fazer a manutenção, arrumar o elevador do Teatro Aracy Balabanian e também no entorno para a gente poder sanar esse problema”,

justificou ele.

“A parte administrativa a gente toma todas as providências, a gente espera que no dia da apresentação não seja deserto porque esse tipo de elevador pelo nosso conhecimento aqui no Estado só tem uma empresa exclusiva para atender esse serviço, que é a recuperação e manutenção. Como a gente é um órgão público, temos que cumprir a parte de legislação, por exemplo, se essa empresa que é exclusiva no dia do edital não estiver com a documentação 100% tem que ficar esperando, é onde demora” disse Maria Madalena Rodrigues, gerente de administração e finanças da FCMS.

Américo acredita que a cultura é inclusiva e cita como exemplo a seleção de eventos promovidos pela Fundação de Cultura. “Quando é um show fazemos um show aberto que tanto pode ir idoso como a criança. Tem espaços que também possibilitam a presença dessas pessoas, claro que em determinado momento tem ações voltadas para criança no âmbito da formação de leitores ou dança. A gente busca possibilitar uma facilidade de acesso a todos indistintamente, quando se faz necessário ter um foco específico direcionamos”, ressalta.

Frederico Rios, de 32 anos, é formado



Foto: Ana Paula Duarte

Dificuldades -O processo para a manutenção dos elevadores é uma das barreiras que os deficientes sofrem para ter acesso à cultura



Foto: Ana Paula Duarte

Inclusão -O blog “Acessibilidade na prática” foi a ferramenta de Frederico Rios para mostrar os casos de irregularidades que acontecem em várias regiões do Brasil

em Medicina Veterinária, sofreu acidente de moto em 2008, que o deixou tetraplégico devido a uma lesão medular na altura da vértebra C5. A partir de uma amiga, ele criou o blog “Acessibilidade na prática” (www.acessibilidadenapratica.com.br) onde a ideia é visitar os lugares e avaliar como está acessibilidade, no começo a intenção era distraí-lo, mas depois o blog começou a ficar conhecido nacionalmente até que uma agência de marketing viu o blog e ofereceu suporte. No blog, ele e colaboradores produzem conteúdos simples, com fotos deles e recebem flagras do seguidores cadastrados.

Após três anos de criação, o maior número de acessos (ultrapassa cinco mil por mês) dos blogs é de São Paulo, seguido de Campo Grande, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Frederico assinala que o primeiro problema é o trabalho relacionado com o espaço físico antes de se chegar ao local, depois vem a disposição de cadeiras em qualquer auditório, quase unânime em isolar os cadeirantes. No primeiro post do blog, em 2010, no Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo, ele elogiou a beleza do local, mas notou uma acessibilidade precária.

Segundo ele, o cinema é o exemplo mais incorreto porque além de estar no pior lugar, em cima da tela, o cadeirante geralmente tem problema no pescoço ou uma cirurgia. “Eu por exemplo tenho, e

já fica complicado, fora que quando o filme é legendado parece que estamos assistindo uma partida de tênis. A questão da inclusão, você não pode pegar e falar que esse cantinho é reservado para cadeirante porque você acaba excluindo essas pessoas. Você provoca uma segregação”, reforça.

Frederico disse não frequentar muitos museus porque fica desanimado em ir sempre, não que não goste. “Eu vou bem menos do que eu gostaria de ir, principalmente por causa dessas dificuldades, no meu caso principalmente para estacionar, questão de banheiro depende muito de quem vai comigo. Dependendo do lugar eu evito”, disse ele.

Em uma coisa todos concordam: Campo Grande deixa muito a desejar e como outras cidades tem muito para caminhar na acessibilidade cultural, um assunto sempre vivo para discussões e ações. Como porta-voz de uma maioria silenciosa, Telma conclui: “É um direito que temos dever de buscar para fazer o acesso a informação e cultura. Acesso a cultura é acesso a informação e uma pessoa informada é uma cidadã. Acesso a cultura torna o cidadão muito mais poderoso, conhecedor”.

Política

Em setembro de 2013, o assunto foi pautado pelo presidente da câmara de Campo Grande, o vereador Mario Cesar (PMDB), juntamente com especialistas da área, que discutiram a criação da Secretaria Municipal do Idoso e da Pessoa com Deficiência e

Mobilidade Reduzida (Semiped), onde pretende organizar as políticas públicas para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Hoje o que mais se discute é acessibilidade nas calçadas e rampas, o vereador lembra que a acessibilidade não é só a questão arquitetônica, a acessibilidade é muito mais do que isso, abrange o acesso das pessoas a deficiência visual com a escrita em braille, aos surdos a linguagem de sinais e não só construir rampas e ele-

vadores, é garantir a dignidade e cidadania. A iniciativa foi inspirada em ações pioneiras e de sucesso realizadas em outras cidades como São Paulo e recentemente no primeiro município em Mato Grosso do Sul, Mundo Novo.

Entre diferentes pontos tocados na Câmara Municipal, a criação da secretaria em si ainda fica na esperança de abrir os olhos para essas pessoas, de unir ações culturais a favor da integração social.



Foto: Ana Paula Duarte

Realização -Telma Nantes luta pela inclusão dos deficientes visuais